Caderno Virtual de Turismo

Entrevista
VOL. 25, NÚM. 3, ISSN: 1677-6976
P. 09-13

Entrevista com Dona Onete | A rainha do Carimbó Chamegado.

Interview with Dona Onete | The Carimbó Chamegado's queen

Entrevista a Dona Onete | La reina de Carimbó Chamegado

Ivone Belem Donato
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ivone.donato@pep.ufrj.br

DOI: http://dx.doi.org/10.18472/cvt.25n2.2025.entrevista

Aos 86 anos, Ionete da Silveira Gama – Dona Onete – carrega em sua voz muito mais que melodias. Ela guarda memórias de uma Amazônia onde o leite ainda era tirado direto da vaca, onde as roças eram queimadas "só um pouquinho" em coivaras controladas, onde havia fatura de castanha-do-pará. Nascida em Cachoeira do Arari e criada em Belém (PA) pela avó que a acolheu quando tinha apenas três anos, Dona Onete transformou sua trajetória de professora de história e estudos paraeneses e amazônicos em uma carreira musical singular, iniciada apenas depois dos 70 anos e que a levou a 22 países.

Em 2025, sua presença no palco da COP 30, durante o evento "Amazônia Live Hoje e Sempre", ao lado da cantora pop Mariah Carey, ecoou pelo mundo como um chamado urgente para a preservação da floresta amazônica.

A conversa com Dona Onete transita livremente entre múltiplos tempos e territórios. Das brincadeiras de Macaca (a Amarelinha no Sudeste do Brasil) sob árvores na infância, aos ensinamentos que ministrava nas salas de aula do interior paraense. Das lutas sindicais em defesa dos professores aos palcos políticos onde cantava para a primeira campanha de Lula. Da descoberta do carimbó em Igarapé-Miri à reinvenção do ritmo, que lhe rendeu o reconhecimento como "Rainha do Carimbó Chamegado". Das memórias do mingau de São Jorge e das quatro contas recebidas na infância – Jarina, Mariana, Erundina e Jurema – ao enredo que inspirou a escola de samba Grande Rio.

Esta entrevista foi realizada remotamente enquanto Dona Onete descansava após suas apresentações. Aqui, a chamada Rainha do Carimbó Chamegado mistura história pessoal, sabedoria espiritual e memória coletiva.

Ivone Belem CVT: Como tudo começou para a Dona Onete?
Dona Onete: Nasci em Cachoeira e vim com três anos para Belém. Meu pai morreu, minha mãe veio embora, né... naquele tempo uma viúva que ficava com o filho, a família repartia os filhos. Tiraram os filhos todos da minha mãe – nós éramos quatro – cada um tomou conta de um. E eu – por ser a menor – eu fiquei com ela. Aí ela disse que vinha trabalhar pra Belém, porque era o único meio de ela sobreviver. Então, minha tia também morreu e quando eu tinha três anos me trouxeram para Belém. Quem me criou foi a minha avó, que era mãe do meu padrasto e que sempre me tratou como neta. Foi lá na casa da minha avó que há pouco tempo atrás foram fazer o filme da minha vida. E assim foi. Eu me criando até que me casei com 17 pra 18 anos.

Ivone Belem CVT: Como foi a sua infância em Belém?
Dona Onete: Ih, eu brinquei muito, subi em árvore, brinquei de Macaca, aquela brincadeira que a gente joga a pedrinha no céu e vai nas estrelas. Brinquei de bola, mas também estudei. Chegava na hora de ir pra escola: vai tomar banho para ir pra aula. Depois, quando voltava da aula, brincava mais. Eu fui muito, muito feliz na minha infância

Ivone Belem CVT: E como era a alimentação, vocês comiam muita coisa da terra?
Dona Onete: A gente comia tudo o que botavam na mesa: se era feijão com mocotó e arroz, todo mundo tinha que comer aquilo. O que poderia ter diferente era um vinho de cupuaçu porque a gente não tomava açaí, não tinha o costume de tomar açaí. Era uma fruta, uma banana e pronto. Eu lembro bem, tinha uma um chouriço que vinha numa lata envolvido em uma banha. A minha tia fazia um arroz soltinho, branco. Aí ela fazia uma fritura, cortava o chouriço em rodelas com cebola, tomate e ali a gente jantava aquele sem farinha, sem nada. Era muito gostoso.

Ivone Belem CVT: E como a senhora se tornou professora?
Dona Onete: Isso foi quando eu fui para Igarapé-Miri, eu ia passar as férias lá. Aí eu fui morar com a minha tia e comecei a lecionar no interior para 10 pessoas. Aí o governo me colocou como professora do interior. Depois eu fui lecionar pelo estado, contratada pelo governo do estado. Eu dava aula de História, História do Brasil e do mundo. Toda a história de quinta a oitava série era

comigo. Muito sobre Amazônia, estudos paraenses que tinha. Aí eu falava sobre tribos indígenas, eu falava sobre rios, eu falava sobre animais, eu falava sobre queimada, eu falava como se faz uma roça. Naquele tempo se queimava um pouquinho, agora o pessoal joga fogo no mundo. Antes era em coivaras, uma espécie de fogueira de São João com aquelas madeiras que não serviam pra nada para o solo ficar bonito para poder plantar. Agora estão queimando tudo, querem fazer só capim pra boi, sabe? É o agronegócio. Nossa mata está se acabando. Eles fazem aquele fogaréu nas árvores, vai caindo tudo. Mas eles não vencem, porque graças a Deus a natureza é muito mais forte. E lá no Acre, na terra do João Donato, estão acabando com as castanheiras, árvores fortes, né? Acabaram com as castanheiras em Marabá, onde tinha muita castanha. E agora tem pouca castanha e eles vão derrubando as árvores mais bonitas, mais pesadas, eles vão cortando tudo. Muito triste.

Ivone Belem CVT: Dona Onete, a senhora é considerada a Rainha do Carimbó Chamegado, aos 86 anos soltou a voz durante a COP 30, cantando no mesmo palco da cantora pop Mariah Carey. Foi lá e deu o recado sobre a devastação da Amazônia. Como a senhora sente tudo isso, tanta mudança climática causada pela agressão ambiental?

Dona Onete: Eu sinto muito, eu estou sentindo muito. No Marajó, eu ia passear com a minha avó, meus tios não eram fazendeiros, eram criadores de gado para o leite, para fazer seu queijo. Eu passeava muito com a minha avó. Então, um dia desse eu contei pro médico sobre isso: eu não gostava quando eu chegava no curral e estavam tirando leite. Tirava o leite do gado só para fazer mingau ou para ferver pra gente tomar. Aí a minha avó mandava lavar o peito na vaca novamente, tirava um leite quente e eu tinha que tomar aquela caneca (risos) sem ferver. Aí eu contando para médico, ele disse: "A senhora não sabe o tanto lhe fez bem para a sua saúde". Era um leite chamado tipuca no Marajó.

Ivone Belem CVT: E o carimbó, como surgiu na sua vida?

Dona Onete: Eu morava em Igarapé-Miri e lá eu vi o Carimbó. Mas tudo foi acontecendo quando eu era sindicalista e rodava o estado do Pará porque eu queria o bem da minha turma, dos professores. Travei muitas lutas, briguei muito como sindicalista, eu tive uma história muito longa com tudo isso. E isso foi me dando uma credibilidade. Hoje o que eu falo muita gente escuta. Na primeira eleição do Lula, era eu que cantava nos palcos no interior do Pará. E agora mais recentemente fizeram do Carimbó que eu canto patrimônio cultural imaterial. E o Rio de Janeiro tem o dia Nacional do Carimbó.

Tive oportunidade de viajar muito, por 22 países. Então eu consegui levar o carimbó para fora do Brasil para depois trazer ele para dentro do Brasil. Eu sou rebelde. O carimbó carimbou aqui. O apresentador Sérgio Groisman disse para mim: "A senhora carimbou o carimbó".

Ivone Belem CVT: E a senhora inspirou o enredo da escola de samba Acadêmicos da Grande Rio a partir de uma música que compôs e que conta um acontecimento de fé e espiritualidade que seu deu na sua infância e traçou o seu destino. Como foi isso?

Dona Onete: Eu participei contando de quatro contas: Jarina, Mariana, Erundina e Jurema. Foi uma história de criança que me aconteceu. Tinha um terreiro de batuque na Humaitá e eu morava na Vilela. E eles estavam no dia de São Jorge, 23 de abril. Baixava o santo na cabeça lá do seu João da Mata. Era um senhor que cortava peixe no mercado. Nesse dia de São Jorge, eles fazem um mingau e servem. Sabe como é criança – eu tinha oito para nove anos. Aí eu queria beber deste mingau. Fugi pelo quintal de casa, tomei banho e vesti qualquer roupa para beber esse mingau. Era seis horas da tarde quando cantasse a doutrina deles, eles davam o mingau. E aí quando cantaram ele baixou o santo na cabeça dele. Eram oito crianças e me botaram de baixo da mangueira e o mingau vinha passando e tinha gosto de abacaxi. Toda criança tomava e ele benzia a costa em cruz e rezava, o senhor vestido de Cavaleiro São Jorge, um senhor de idade. Ele vinha benzendo um por um. Aí ele falou para mim: "vou colocar quatro contas em você". Pra mim tanto faz, tanto fez. Eu só queria saber do mingau. Aí eu bebi aquele negócio e fui embora para casa. Os anos se passaram e eu fui morar com a minha tia, a minha tia era chegada nisso. Aí tinha um senhor de nome Linésio, um grande curador que trabalhava em um terreiro e a minha tia fazia parte. Quando a gente ia para lá comia, bebia e dormia em uma cama grande. Ele mandava acordar quando baixava o seu João da Mata. Eu já deveria ter uns 12 anos. Aí eu acordei e fui para lá e ele passava pegando no pescoço das crianças. Quando ele bateu em mim ele disse assim: "opa, aqui tem quatro contas". Ele disse isso mas não disse quem era. Aí eu fui dormir de novo, os anos se passaram, eu fui em um terreiro em Igarapé-Miri, eu tinha comprado um chapéu bonito, eu gosto de chapéu. Aí, quando eu tô olhando o pessoal lá no terreiro dançar, passou a Mariana na cabeça de uma senhora e disse “olha, vai buscar o meu chapéu lá na tua casa”. Aí eu disse: “que chapéu?” E ela: “o meu chapéu que tu levastes de Belém tá lá na tua casa". Aí minha amiga que estava comigo disse “vai lá buscar o chapéu que eu sei que tu comprastes”. Lá fui eu pegar a bicicleta para buscar o chapéu. Dei para ela, ela pegou e disse: "Olha, quatro contas que você tem". Aí eu lembrei do seu João da Mata. E ela: “a vermelha é a Mariana, a amarela é a Jarina, a branca é a Jurema e a verde é a cabocla Erundina”. Eu não liguei, eu estava solteira, não estava nem aí para isso. Anos depois, já estava minha casa, com

mais de 60 anos, tinha parado com as lutas de sindicato e de viajar para São Paulo, eu já tinha me aposentado de lecionar, eu não sabia mais o que fazer em Igarapé-Mirim, com meus filhos casados e tendo a vida deles. Eu pensei: eu vou me embora. Mas eu não tinha coragem. Eu tinha medo porque era outra vida que eu ia começar. Aí uma amiga que era funcionária da limpeza da escola onde eu lecionava, disse: "a cabocla Jupira baixou ontem no terreiro e mandou um recado para a senhora, que a senhora vá embora, que a felicidade está lhe esperando lá em Belém, que a felicidade vai lhe buscar". Disse quatro frases. Aí uma vizinha que tinha um negócio de botão do lado da minha casa, disse: "olha, vizinha, a senhora está ouvindo? vá embora, a senhora está sozinha". Fiquei pensando que ela disse que a felicidade estava me esperando. E é a felicidade que eu tenho até hoje, sabe? Porque tudo vai acontecendo para mim. Minha carreira profissional não tem 20 anos, não. Eu acho que são 17 anos. E eu me sinto muito feliz com tudo isso.